

# A VINGANÇA DO JUDEU

ROMANCE MEDIÚNICO

DO

CONDE J. W. ROCHESTER  
(ESPÍRITO)

Pela médium-mecânica

WERA KRIJANOWSKI



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



## O MILIONÁRIO

**N**um belo dia de primavera do ano de 1862, elegante carruagem atravessava, ao trotar de dois soberbos cavalos, as animadas ruas da cidade de Pesth.<sup>1</sup> Diante de um palácio situado no bairro mais aristocrático, a árdega parelha se deteve, e um lacai de libré abriu a portinhola do coche. Belo moço, trajando ao rigor da moda, desceu levemente e, correspondendo por leve aceno de cabeça à reverente saudação do porteiro, subiu a passos lentos a vasta escadaria, de corrimão dourado, que conduzia aos aposentos do primeiro andar.

— Vosso pai perguntou por vós, senhor — disse um dos servos, desembaraçando o recém-vindo do chapéu e do sobretudo. — Está no escritório, mas pede que o esperéis no seu gabinete.

---

<sup>1</sup> Budapeste, capital da Hungria; localizada às margens do rio Danúbio. — **Nota do Tradutor.**

Sem responder, o jovem atravessou vários salões, mobiliados com excessivo luxo, e entrou no gabinete do pai. Era uma ampla sala, ornada com exagerada riqueza, de duvidoso bom gosto, que a distinguia dos outros aposentos: todos os móveis eram dourados; espesso tapete cobria o pavimento; obras de arte preciosas, porém de disparatado conjunto, enchiam, aqui e ali, as mesas e os consolos; apenas a grande secretária, carregada de papéis, e o vasto cofre maciço, à prova de fogo, indicavam estar ali o gabinete de trabalho de um homem de negócios.

Depois de alguns instantes de impaciente passeio, o jovem atirou-se a uma poltrona, e, com a cabeça apoiada no espaldar, voltada para o alto, sobreceño franzido, absorveu-se nos seus pensamentos.

O velho banqueiro, Abraão Máier, era o tipo desses israelitas que, saídos do nada, adquirem, sem que se saiba o modo, imensa fortuna. Nascido em miserável loja de pequena cidade provinciana, começara a vida a mascatear; com o fardo de objetos miúdos às costas, percorrera o país em todas as direções, não desprezando o mais modesto lugarejo. Sóbrio, incansável, ajudado por um desses acasos favoráveis que parecem proteger o trabalho do semita, depressa adquiriu pequeno capital; certa especulação feliz, num abrir

e fechar de olhos, fê-lo homem rico, e, o tempo, banqueiro milionário.

Embora ele próprio se conservasse israelita de corpo e alma, e rígido observador da lei de Moisés, dera ao seu filho único, Samuel, uma educação muito liberal. O menino, gerado após o duodécimo ano de matrimônio, e cujo nascimento custara a vida à sua mãe, era o ídolo, o centro das afeições do velho Máier; para ele trabalhava e acumulava sem cessar novas riquezas; para a sua educação nada negligenciava.

É necessário confessar, em louvor de Samuel Máier, que este aproveitara largamente os meios que lhe eram oferecidos: a princípio, sob a direção dos melhores professores e, depois, na Universidade, fizera brilhantes estudos; viajara em seguida, e dera o último polimento à sua educação; falava seis idiomas, pintava regularmente, era consumado músico. Ricamente dotado, mas orgulhoso e apaixonado em extremo, Samuel detestava a sua origem judaica, que já lhe valera mais de um dissabor e lhe fechava as portas das casas verdadeiramente aristocráticas, as quais desejava com empenho frequentar.

Dando-lhe o pai inteira liberdade de seguir os íntimos desejos, vivia no nível de fidalgo; cultivava os esportes e criara relações entre os antigos companheiros de estudos e com a mocidade ele-

gante da cidade, que vinham espontaneamente às suas festas e aos quais, em ocasiões de necessidade, emprestava dinheiro.

Muitas vezes, velhos amigos observaram a Abraão Máier a circunstância de o filho jamais pôr os pés na Sinagoga, negligenciando abertamente as prescrições da sua lei, procurando apenas a sociedade e os costumes dos cristãos. O velho banqueiro meneava a cabeça e respondia com um risinho seco: “É preciso deixar viver a mocidade; os próprios cristãos encarregar-se-ão de o desgostar de tal amizade, e, desiludido, ele voltará sinceramente à religião de seus pais, a qual, apesar de tudo, vive em seu coração. Samuel conta apenas cinco lustros de idade; trabalha conscienciosamente; tem o instinto dos negócios; uma vez passadas as pequenas loucuras, ele se tornará meu digno sucessor...”.

...

## GRANDE DESGRAÇA IMPREVISTA

**T**endo reconduzido Antonieta à carruagem e trocado com ela um último olhar afetuoso, Rodolfo encaminhou-se, à pressa, para o seu gabinete. O resto da penosa emoção que acabava de sofrer ainda lhe refervia no íntimo e dava à sua fisionomia expressão mais glacial e arrogante do que nunca. Apenas respondia à profunda saudação de Levi, e, lançando sobre a secretária o bilhete outra-  
ra enviado por ele a Samuel, disse secamente:

— Sem dúvida, vosso patrão deseja recordar-me o conteúdo desta carta, da qual tão imprudentemente se desfez; sossegai-o, fazei-lhe saber que hoje mesmo a importância mencionada no meu escrito lhe será integralmente paga.

Sentou-se e pegou um livro, indicando, com isso, que a audiência estava terminada; e, porque o israelita não se movesse, Rodolfo fitou-o surpreso:

— Tenho a honra de vos saudar, Sr. Levi, e... estou muito ocupado.

— Estou desolado, Sr. Conde, de vos desiludir quanto ao assunto — disse Levi, saudando-o humildemente. — Não deixarei de transmitir o que acabais de me fazer a honra de ouvir; porém, a minha vinda aqui tem fim muito diferente. Estou encarregado, por meu patrão, de vos apresentar diversos títulos em poder da Casa Máier, e de vos prevenir de que o pagamento deve ser efetuado dentro de dez dias, sem falta.

Abriu uma grande pasta e expôs aos sobressaltados olhos do jovem Conde uma série de obrigações e letras de câmbio, emitidas por ele e pelo pai, a diversas pessoas da cidade, e mesmo da capital. A soma atingia uma cifra que causou vertigem a Rodolfo, que não supunha tivesse dissipado semelhantes quantias. Reunindo toda sua energia, disse com voz rouca:

— Por que acaso se acham esses papéis reunidos em vossas mãos?

— Senhor Conde, vossas assinaturas valem moeda corrente — respondeu obsequiosamente o judeu. — Foram-nos oferecidos em pagamento, e aceitos, sem dificuldade, pela Casa, que não tem dúvida quanto a honrardes as vossas obrigações. Permitir-me-ei ainda fazer notar ao Sr. Conde que a maior parte destes títulos estão vencidos de há

muito, e que a espera de dez dias é uma atenção a S. Exa., a fim de lhe dar tempo. Tenho muita honra em saudar o Sr. Conde!

— Esperai!

Rodolfo traçou rapidamente algumas linhas, pelas quais pedia friamente a Abraão viesse à sua casa, a fim de se explicar sobre um mal-entendido.

— Esqueci de dizer-vos que o patrão está enfermo — disse Levi, pegando a carta. — É o Sr. Máier filho quem dirige todos os negócios, e é a ele que vos deveis dirigir no caso corrente.

E, saudando-o com redobradas demonstrações de consideração, o israelita desapareceu por detrás da porta.

Ficando só, Rodolfo ergueu-se brusco e premiu a cabeça com ambas as mãos. Pagar tal soma, nem por sonho seria possível, e, não o fazer, seria a ruína e a desonra. Seu segundo pensamento foi dizer tudo ao pai.

O velho Conde acabara de regressar, quando o filho fez irrupção no aposento, e, com gesto brusco, ordenou ao criado-grave que saísse.

Mas o espanto, ante esse gesto do filho, cedeu lugar ao desespero, quando soube a verdade. Dominado por uma prostração completa, abateu-se numa poltrona e, pela primeira vez, o velho fidalgo experimentava remorso pela incúria com que se havia escravizado às paixões dispendiosas.

Mas o tempo era pouco para se entregarem a estéreis lamentações; era preciso buscar como aparar o golpe que os ameaçava.

Lápis na mão, pai e filho calcularam seus recursos; mas, mesmo desfazendo-se da prataria, das joias de família, das cavalariças, das carruagens e das propriedades menos oneradas, não atingiram a cifra necessária, isso sem contar com as circunstâncias desfavoráveis de uma venda prematura e forçada. Sem dúvida, ao judeu podia-se pagar, vendendo tudo em leilão, e disso o velho fidalgo era bem capaz; porém, que lhes restaria depois de tal escândalo? A miséria é uma vergonha indelével: Rodolfo seria obrigado a retirar-se do serviço militar.

Diligências em casa de diversos usurários não deram resultado algum; sombrio desânimo se apoderou dos dois aristocratas, mormente porque nenhuma resposta fora dada à carta do jovem Conde.

...

## O PADRE MARTINHO DE ROTHEY

Quando a pequena porta se fechou por trás dele, Samuel se achou em plena rua, sem sobretudo e sem chapéu. O carro partira. Todas essas circunstâncias, porém, não lhe fizeram impressão alguma, assaz agitado que estava por tudo quanto acabava de ocorrer. Sem pensar na estranheza que devia causar o seu traje, encetou a largos passos o caminho da residência; a necessidade de solitude, e não a reflexão, lhe inspirou a ideia de se desviar da rua principal, ainda cheia de ruído e movimento, e transitar por veredas pouco frequentadas e já silenciosas e desertas.

Aproximava-se de casa, quando, na esquina da rua, esbarrou, involuntariamente, num homem, do qual queria passar à frente, e que caminhava com lentidão, as mãos cruzadas atrás das costas. O choque foi tão violento, que o chapéu do desco-

nhecido caiu e pôs a descoberto a cabeça tonsurada de um padre.

— Perdão, reverendo — disse Samuel, apanhando o chapéu e apresentando-o ao eclesiástico, que ficara muito indignado.

Mas, quase no mesmo instante, ambos emitiram uma exclamação de surpresa:

— Como! sois vós, Sr. Máier? — disse o sacerdote. — Gostais, pelo que vejo, dos passeios noturnos, e ainda mais sem chapéu... Oh! oh! é um pouco displicente para um homem de negócios, importante... e tão severo! Digo isto porque venho da casa de um homem muito aflito por vossa causa, o conde de M\*\*\*.

— Tendes conhecimento dos negócios que se tratam atualmente entre mim e o conde de M\*\*\*? — perguntou Samuel, surpreso.

O banqueiro conhecia o padre Rothery, muito popular em Pesth, pregador e membro de todas as sociedades de beneficência; mas ignorava tivesse ele relações com a família de M\*\*\*.

— Sou o confessor do Conde e da sua família — disse o Padre. — E, embora não tenha direito algum no caso, lembrarei, Sr. Máier, que a vossa religião, tanto quanto a nossa, proíbe ser desapiadado para com o próximo; além disso, o que exigis é impossível de realizar.

Um fugitivo rubor cobriu as faces do israelita.

— Por que motivo o dizeis? — inquiriu, detendo-se, pois acabavam de chegar à entrada do jardim. — Quero receber o batismo, e parece-me que o pensamento de me tornar cristão, de desviar minha alma de uma crença que condenais, deveria agradar-vos, reverendíssimo padre!

O sacerdote abanou a cabeça.

— Vossa intenção é louvável; mas, provavelmente, imitando muitos dos vossos correligionários, quereis abraçar a fé protestante, a qual, a meu ver, é também uma heresia, igual à da lei de Moisés.

— Estais em erro, reverendo: desejo tornar-me católico e partilhar da crença daquela a quem amo; se, pois, a Condessa aceder ao meu desejo, é a vós, meu padre, que pretendo pedir me aceiteis por neófito. Espero não recusareis instruir-me nos símbolos da vossa religião, e, esperando ser digno do batismo, encarregar-vos-ei de ser o intermediário das esmolas que desejo distribuir aos pobres. Não é a falta de bom coração, e sim a necessidade, que me torna intransigente com o conde de M\*\*\*.

Um sorriso benévolo e satisfeito iluminou o rosto do padre Rothey. Não era mau homem; apenas um fanático pela sua crença. Arrancar almas ao inferno da heresia e ampliar o círculo da sua beneficência, tais eram os fins da sua vida. O pensamento de uma conversão tão retumbante, qual seria a do banqueiro milionário, o lisonjeou positivamente, e a perspectiva das grandes somas que o

zelo desse riquíssimo neófito lhe carregaria às mãos abalou os últimos escrúpulos.

— O que acabais de dizer, meu jovem amigo, modifica grandemente a minha opinião. Decerto! não repelirei uma alma que reconhece os seus erros e aspira encontrar a salvação no seio da nossa Santa Igreja; contai, pois, comigo; mas aqui não é lugar para falar de coisas tão graves; vinde procurar-me, em minha casa, amanhã, depois da missa, e conversaremos seriamente.

Samuel agradeceu ao sacerdote a sua boa vontade, e, depois da saudação, benévola de uma parte e respeitosa da outra, os dois homens se separaram.

— Ah! Valéria — murmurou o mancebo entrando e fechando à chave a porta oculta —, aonde me arrastará, ainda, meu louco amor por ti?



No dia seguinte ao dessa noite agitada, era avançada a manhã, quando Valéria acordou de um sono pesado e febril. Um raio de sol, penetrando pelas cortinas, projetava-se nos ramos de miosótis desenhados no tapete, e iluminava de misteriosa meia sombra esse retiro virginal, forrado de cetim branco e ornado profusamente de mil luxuosas quinquilharias.

...

## SOBRE O AUTOR

O autor espiritual, John Wilmot, nasceu na Inglaterra em abril de 1647 e faleceu em julho de 1680.

Tornou-se aos 11 anos, com a morte do pai, Conde de Rochester. Foi menino disciplinado e inteligente.

Em 1660, com 13 anos incompletos, partiu para estudar no *Wadham College*, em Oxford, de onde saiu aos 14 anos com o título de *Master of Arts*. Além do latim e do grego, dominava as línguas francesa e italiana, sem contar o inglês.

Aos 16 anos era encantador, alto e esguio, de feições atraentes e muito bem educado.

Cedo, pois, estava envolvido nas intrigas da corte do rei da Inglaterra — Charles II —, de quem passou a desfrutar amizade e confiança.

O jovem Conde viveu inúmeras aventuras e fantásticas histórias circulavam com seu nome. Raptou Elizabeth Mallet e foi preso, mas casou-se com ela aos 19 anos e tiveram quatro filhos.

Aos 30 anos tem notícia do nascimento de sua filha ilegítima com Elizabeth Barry, em Londres. À época Rochester estava doente, quase cego, completamente coxo e prematuramente envelhecido, mesmo assim, ainda se recuperaria para voltar à vida desregrada.

Em 1680, aos 33 anos, Rochester, já agonizando e na companhia do sacerdote Gilbert Burnet, ditou um documento em que extravasava sua mágoa e remorso ante o tempo perdido e a inutilidade da sua existência; demonstrava intuição sobre a reencarnação e admitia claramente a imortalidade da alma.

De regresso ao mundo espiritual, depois de outras reencarnações, o Espírito Rochester envia, pela médium russa Wera Krijanowski, obras que retratam a sobrevivência e a reencarnação do Espírito tantas vezes quantas necessárias ao seu reajuste perante às Leis Divinas.

Obras do Espírito J. W. Rochester editadas pela Federação Espírita Brasileira:

- *O chanceler de ferro;*
- *Herculânium;*
- *Romance de uma rainha – vol. 1 e 2;*
- *Sinal da vitória;*
- *A vingança do judeu.*

Obras escritas em estilo magnífico, com descrições de tal nitidez que valem as melhores ilustrações.